

O cartomante

Trecho do livro *Meu sonho acaba tarde*
de Leonardo Brasiense
(WS Editor, Porto Alegre, 2000)

No quarto, a luz fraca do abajur só revela uma cama de solteiro, o resto é escuro. Sentados na cama, um homem de meia-idade e um menino de no máximo nove anos. Só o homem fala. O menino lhe presta atenção, seriamente.

“As duas placas de alumínio têm os furos bem apertados pra cordinha não deslizar. E têm que ser triangulares, nunca de outra forma. Já o tamanho da cordinha depende de você. Um braço é boa medida. Antes fazer a mais que errar por menos. Você ata as placas e bate: se não der no meio das costas, passar demais pro outro lado, você corta.”

O homem demonstra em si mesmo, pela esquerda, pela direita, esquerda, direita. As placas de metal fazem pequenos cortes e o sangue vai descendo pelas costas. Ele pára, inspira, expira de olhos fechados, desata as placas tingidas de vermelho e as oferece ao menino:

“Agora é sua vez.”

Juraci acorda com palpitações e procura o relógio da cabeceira. Está todo suado.

Um pombo veio bicar o vidro da janela. É insistente, tem fome. Há outros lá embaixo, na praça, incomodando as pessoas com sua fome também. Este, no entanto, prefere o farelo de biscoito que Juraci lhe dá toda manhã. Isso o faz especial, pois é um segredo: permite-lhe depois brincar estufado de satisfeito enquanto os outros se amontoam para comer, inoportunos.

Juraci levanta-se devagar. Vai à cozinha de olhos semicerrados. Estalando a boca, joga fora o resto de café do dia anterior e trata de esquentar a água. Sobre a mesa, uma caixa de baralho.

O pombo ora pára de bicar, que talvez canse ou se machuque, ora continua, como se renovasse o fôlego. De costas à praça, ele tem um trato e vem cobrá-lo, com a pontualidade da fome.

Já tomando café, Juraci embaralha as cartas e as dispõe para consulta. Ele vê coisa ruim. Coça a barba, as cartas nunca lhe falharam. Mesmo assim, convém repetir: confirma-se, é coisa ruim.

Há de providenciar, e sem demora.

Veste-se e sai.

Na rua, a caminho de sua tia Eugênia, pensa como seria prudente, neste caso, mudar de nome.

Juraci agora é Antônio.

* * *

As magricelas dançam a ciranda no quadro desbotado. São sete moças, sete irmãs. Têm ao fundo um cenário de pobreza, sua vila. Porém não dançam por zombaria, é festa. E só não participam o pai e a mãe, que aparecem lá adiante, à porta do barraco, porque devem ser tímidos.

Tia Eugênia, arrastando tamancos sob as canelas de varizes roxas, traz o chá.

Antônio agradece.

– Tenho problemas, minha tia.

– Se fosse diferente, meu lindo não vinha!

– Falo sério.

Sobre a estante, o grande relógio em forma de chapéu bate nove horas. As badaladas fortes ecoam pela sala. Nas horas cheias, esse relógio é o senhor da casa.

– Sem dúvida, o menino precisa de ajuda.

– Lembrei primeiro a senhora. Se alguém sabe o que fazer, é tia Eugênia.

– Fez bem me procurando... Fez bem.

Ruído de passos no teto. Antônio e sua tia Eugênia se interrompem e olham para cima.

No segundo andar, o velho Maurício caminha de um lado a outro, chega-se à janela, olha para os dois lados da rua. Espera Dalva. Ela que vem semanalmente, que acalma sua solidão, que faz

de tudo e faz por bom preço. O velho Maurício não tem muito que pedir da vida: é um homem cansado, sem dinheiro, gasta o seu pouco nos cuidados com a mulher tetraplégica e muda e nos prazeres semanais com Dalva.

Ela finalmente bate à porta.

– Está atrasada – reclama o velho.

Dalva não lhe dá explicações. Vai logo tirando os sapatos.

Olha para a poltrona e diz:

– Não falta ninguém?

– Hoje ela não quis ver.

– E como é que você sabe quando ela quer ou não?

– Não importa. Eu apenas sei.

O velho Maurício aproxima-se rápido de Dalva e começa a desabotoar-lhe a camisa. Ainda em pé, beija-lhe a nuca e pega nos seios, acariciando-os com pressa, recosta todo o seu corpo mole por trás da moça imóvel.

– O que foi? – o velho pergunta.

– Não consigo – Dalva se desvencilha.

– Como assim?

– Não dá. Sem ela eu não consigo.

* * *

Atrás do convento, há o galinheiro que as freirinhas cuidam com dedicação e fé, como só elas o podem fazer. Sabendo que após

o almoço é de costume a oração conjunta, Antônio não vê melhor momento para conseguir o que lhe pediu sua Tia Eugênia. Caso difícil, o seu: não basta que a galinha seja preta, tem que ser galinha preta de geral sagrado. Então aproveita ele essa hora em que se doam as irmãs, algumas chegando a entrar no cochilo, senão todas.

Nem se tem o que escolher, preta mesmo só há uma. Ela está empoleirada ao fundo, única. Até lá não aparece o chão, só galinha carijó branca, uma igual à outra, ciscando e engolindo, ciscando e engolindo.

À porta, feito guarda, uma galinha-de-Angola, mais feia impossível, e furiosa: cacareja bravamente na direção de Antônio. Ele agora entende por que as freiras não têm cachorro, nem precisam. Corre pelo quintal fugindo da galinha-de-Angola, bicho feio do pescoço nu, que o deixa esbaforido de tanto correr, de tanto fugir assustado, o cacarejo insano atrás dele e o bico fino que, pegando de jeito, lhe tira um pedaço, por pouco não lhe come a perna, e como é rápido esse bicho, encurralando-o aqui e ali, Antônio cada vez mais cansado, já quase arrependido por incomodar as galinhas do convento, começando a se arrepender até que se vê preso numa quina de cerca. A galinha-de-Angola e ele, frente a frente. Ele e a galinha-de-Angola se olhando... Ele e a galinha... Antônio, homem de barba, e uma galinha do pescoço nu, esmelinçüida, diminuta, frente a frente... Ela parece que também percebe a desproporção: tem medo, dá uns passos para se virar, no início devagarinho, mas dispara tão logo Antônio investe, o que pouco

adianta. Antônio, cheio de raiva, dá-lhe um chute, e ela voa e cai desconjuntada sobre o telhado do convento. Enquanto voa, emite o seu último cacarejo.

As outras param de ciscar, ficam olhando para cima, impressionadas. Elas agora têm um mártir, uma santa: a galinha-de-Angola, que faleceu protegendo-as. E donde estão, como não podem ver o telhado, acreditam que a santa foi para o Céu.

Antônio, sem tempo a perder, pega de uma vez a galinha preta e sai com ela debaixo do braço. Ela esperneia e cacareja em desespero. As outras nem percebem, já voltaram a ciscar e engolir, ciscar e engolir.

* * *

Oito da noite.

No segundo andar, Socorro está deitada. Não ouve desde a manhã a voz do marido, desde que ele discutiu com Dalva. Pou-pou-lhe hoje do espetáculo semanal, o velho Maurício, Socorro acha que é porque está ficando impotente. E impotência é tudo o que ele não quer lhe mostrar. Basta a que tem para mantê-la em casa e não a internar num asilo, não assumir que ela, tetraplégica e muda, é um estorvo. Não o faz por impotência.

Mas ela compreende, porque o ama. Porque ama, compreende suas fraquezas, não o recrimina.

Outrora, ela também teve uma fraqueza. Quando tinha mais vida. Descobriu-se fraca ao deixar a vida passar, o amor passar. Como odeia essas brincadeiras que o destino apronta, e que parece fazer caçoando da gente. Um descompasso, duas paixões que não se encontram. Pior que a não correspondida é a paixão desconhecida. Como houvesse tempo certo para isso, como tudo é inarredável.

Hoje, ela erra menos. E mesmo se quisesse...

As fraldas sujas a deixam assada. O velho marido sumiu o dia inteiro. Ela já não suporta o fedor.

O quarto está escuro. No resto da casa, só silêncio.

Socorro começa a pensar que talvez ele não volte. Pode ter morrido. Ou pior, pode tê-la abandonado. Num rasgo de caráter e coragem, quem sabe o velho não fugiu?

E se ele não vier, ninguém saberá que ela está ali, sozinha, tetraplégica e muda.

Se ele não aparecer, ela morre, se não de fome, de fedor, porque as fraldas estão empapadas.

Mais tarde vai esfriar. E esse Maurício que não vem...

No andar de baixo, tia Eugênia à janela, vendo as estrelas, arrotando moqueca de galinha e se rindo de Antônio.

Em casa, ele tem um mau pressentimento. Consulta as cartas: ainda é coisa ruim. Embora confie no trabalho de sua tia Eugênia, sabe que do destino brabo ninguém escapa. Quando está escrito, tudo é inarredável.

Antônio volta a ser Juraci.

Socorro ouve o raspar de colher num prato. É o resto de moqueca da galinha preta, tia Eugênia o está jogando ao cachorro.

Juraci senta à beira da cama e liga o abajur. Da gaveta da cômoda, tira uma cordinha trançada e duas placas de alumínio.

As placas são triangulares, não podem ser de outra forma.